

ANA MÁRCIA
CORDEIRO

o que não
queimou,
ainda me
arde

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

I.

Todos os fogos

É prudente que você saiba: não sou a protagonista. Não dependo deste livro para existir. Também não sou eu quem escreve, não sou a autora. Muito antes delas serem sonho, eu já existia.

Temporariamente me encontro encarnada nestas páginas, mas não se preocupe: não sufoco quando você fecha o livro, não desfaleço caso o abandone. Também não sou personagem secundária, não concorro para nenhuma ação na trama que se anuncia.

Não sou a editora, a revisora, a tradutora.

Não sou nada.

Ainda assim, posso ser tudo.

Escolho, no entanto, ser parte.

Incontáveis foram as vezes em que a autora tentou me convencer a encaminhar esta conversa. Rejeitei a ideia o máximo que pude. Acabou me vencendo pelo cansaço — e para o bem deste livro, finjamos todos que foi dela a última palavra.

Vamos acabar logo com isso:

Eu sou aquela que organiza os fatos, refaz a dobra dos acontecimentos. Colho sensações. Faço o inventário dos sentimen-

tos. Desloco-me no espaço, no vácuo, no tempo — esse vão artifício humano, incapaz de me fazer prisão.

Sou uma espécie de fogo. Não o que queimou as bruxas, mas o que abrigou e protegeu seus espíritos. Habito alma, coração e mente de tudo que se convencionou chamar feminino — e se me encontro apenas nos olhos delas, é porque dos deles fui expulsa há milênios.

Faço morada no canto esquerdo dos seus sonhos. Zelo por eles. Passo um café, quando precisar ficar acordada. Preparo um chá, quando necessitar dormir. E te ofereço um trago, quando não restar outra alternativa.

Sou a memória da sabedoria ancestral que te trouxe viva até aqui. Misturo sua filosofia com esses saberes, suas leituras com tudo o que sei que você sabe e que nunca foi escrito. Semelhante bom humor também, sempre que consigo, porque o riso é o som milenar da cura das almas.

Eu poderia ser mera observadora inocente, altamente confiável. Não sou. Foram tantas as condenações que já não tenho, assim, tanto apreço pela inocência. Não me presto ao esforço estúpido de me equilibrar no meio. Mais do que fatos, ações e medidas, me interessam as intenções, as intervenções, os significados.

Todo mundo tem um lado. Toda escolha é posicionamento. A minha é oferecer esse colo metafísico, fruto da alquimia entre a trajetória da protagonista, alguma habilidade da autora e o meu calor.

Esse livro não é para você, que se sentiu desconfortável com essas condições — e vale o aviso: nenhum mérito será alcançado caso prossiga a leitura apenas pelo esforço de traçar um desvio, impor uma correção.

Você ainda não entendeu? Será que não percebe?

Eu sou o devido desvio.

Eu sou a correta correção.

A História é contada pelos homens há tempo demais. Mudaram os tempos, os homens, as mulheres. Mudaram até as maneiras de queimá-las. Está na hora de mudar o fogo — é aqui que eu entro.

Eu sou tudo o que não queimou.

Eu sou tudo o que ainda arde.

Pelas próximas páginas, serei sua narradora.

Tempo e gravidade

Clara se viu parada diante de sua casa. O dia parecia ter começado ali, naquele instante. Talvez o ano. Clara não fazia ideia de como havia chegado ali.

Viu sua casa no pano da noite, o céu com poucas estrelas, a rua com poucas pessoas, o muro com cores pálidas, o velho portão de madeira. Olhou suas mãos e constatou mais uma vez o quão envelhecidas elas estavam. Suas unhas por fazer fizeram-na sentir uma quase vergonha que não era de seu feitio. A fumaça residual ainda pairava como um nevoeiro e uma brisa leve trazia um cheiro impossível de identificar. Só percebeu chorar quando tocou o próprio rosto.

Notou ao seu lado um estranho com a mesma expressão de desolamento e confusão mental. Do encontro de seus olhares fez-se um laço tão forte quanto instantâneo, um magnetismo capaz de alterar a gravidade, deformando o tecido do espaço-tempo. Um segundo se expandiu.

O mundo ao seu redor desacelerou, enquanto seu pensamento explodia em milhões de lembranças simplórias e aleatórias. Era tudo tão familiar, mas, ainda assim, nada lhe pertencia. Nem a rua onde crescera, nem a casa onde crescera, nem suas roupas, suas mãos precocemente envelhecidas, suas unhas tor-

tas, nenhuma das poucas estrelas do céu. Sentiu uma vertigem quando o rosto do estranho encontrou lugar e nome em meio às suas memórias. Finalmente, algo de concreto para se apegar: a súbita certeza de que aquele estranho lhe pertencia.

Clara supôs estar em um daqueles sonhos convincentes o bastante para fazê-la abandonar a realidade — fenômeno que raramente lhe acontecia. Seus sonhos sempre foram conscientes. Sempre soube quando estava sonhando porque sentia algo diferente na gravidade, na inércia ou no movimento dos corpos. Tal percepção dava a ela o controle sobre quase tudo naquela não-realidade. Não chegava a ganhar superpoderes, mas se tornava capaz de antecipar qualquer acontecimento — como se os inimigos se tornassem incrivelmente incompetentes e, os perigos, absolutamente previsíveis. O que escapava ao seu controle lhe fazia acordar, voltar à realidade das leis invencíveis da Física, voltar à sua vida de poucos sobressaltos. Iniciava-se então um procedimento padrão: uma vez que Clara verificasse o que era sonho e o que era real, voltava a dormir e retomava a trama apenas um segundo antes de tudo desmoronar — como um escritor insatisfeito que se desafia a refazer todo um capítulo pelo capricho de mudar a primeira sentença.

Clara sempre soube que os sonhos conscientes eram uma dádiva, e naquele segundo expandido em milhares de segundos — como é típico dos sonhos — pôde pensar tudo isso e ainda ter tempo para perceber que aquele desconhecido era, na verdade, o estranho de sempre: seu marido.

Consolou-se na certeza cega de que suas filhas estavam bem, no entanto, tudo parecia tão insólito que precisou perguntar. André explicou pela segunda vez — e como se ela não soubesse ainda —, que a casa estava vazia quando o fogo

começou. Clara lembrou do telefonema que recebeu na casa de sua mãe e das palavras que a fizeram sentir o peso de uma gravidade tão maior que ela: “Escuta! Nossa casa! Tem um incêndio na nossa casa! Tô indo pra lá! Liga agora pros bombeiros! Não sei se ainda tem o que salvar!”

Ainda parada em frente à sua casa, Clara assistia ao mundo ao seu redor alternando entre o acelerado e o *slow motion*. Cada segundo poderia durar muitos. Pesava quilos. Uma ampolheta gigante escorrendo uma lama escura, ora consistente demais para seu orifício, ora fluida como um rio.

Nos últimos anos, parte do que Clara e André tinham de mais sólido vinha sistematicamente se desmanchando no ar. A casa, as finanças e o casamento passaram a formar então uma tríade feia e harmoniosa. Ruínas de uma civilização antepassada.

Nada poderia mudar o que aconteceu até ali e o peso dessa certeza era o peso do próprio céu sobre suas cabeças. Como se as inconquistáveis leis da Física tivessem se quebrado. Como um sonho.

Clara não acordou porque não dormia.

O silêncio dos animais

Dizem que as tragédias mostram quem você é de verdade. Lançam uma luz pouco lisonjeira sobre os piores ângulos, tornando indisfarçável tudo aquilo que uma boa roupa, um bom sapato e um belo discurso normalmente conseguem esconder (não de mim, é claro).

É muito fácil ser admirável nos dias comuns, quando tudo está sob absoluto controle. O verdadeiro desafio é sobreviver com um mínimo de elegância quando sua vida está aos pedaços e seu mundo em chamas. É preciso ser extraordinário para dar conta de tamanha tarefa.

Durante quase todo o período de obra e limpeza, Clara e André pareciam conservados em criogenia. Olhando-se através do gelo cristalino, até convenciam os passantes de que guardavam um sopro de vida, mas podiam pouquíssimo, quase nada, além de observar impassíveis a todo aquele movimento que orbitava ao seu redor. Dois animais pré-históricos presos num bloco de gelo da Sibéria, completamente alheios a esse novo mundo que agora os cercava.

Independente do tamanho da tragédia, a fé ajuda — mesmo que não seja em um deus, deusa, deuses, orixás ou qualquer outra divindade. Que seja fé em você mesmo, ou na sua

família, ou no governo (boa sorte com isso), ou no ser humano (boa sorte, também). Entretanto, mesmo que sua fé esteja no que há de mais divino e maravilhoso, mesmo que sua confiança em seu deus seja inabalável, se você for do tipo que não faz questão de conviver com outros seres humanos, mais cedo ou mais tarde aprenderá que nós, criaturas etéreas, precisamos de braços e pernas terrenas que nos tornem presentes e palpáveis: seus amigos e, se tiver sorte, família (às vezes a gente consegue convocar um desconhecido, mas dá um trabalho danado). Foram eles quem tiveram de tomar as providências por Clara e André até que o degelo acontecesse.

Os pais de Clara juntaram suas economias; os irmãos colaboraram com mais um pouco; os amigos organizaram doações; tia Raquel deu conta de hospedar o casal e as crianças — e foi também o mestre de obras, fazendo o reparo andar a toque de caixa, mesmo sem saberem ao certo de onde sairia o dinheiro para pagar os pedreiros.

Infelizmente, a vida de Clara e André tinha outras pequenas tragédias que nenhum parente ou amigo seria capaz de resolver por eles.

Durante todo o período em que estiveram hospedados na casa de tia Raquel precisaram deixar várias questões em suspenso — há assuntos que um casal só aprofunda quando o nome de um dos envolvidos está na escritura da casa ou no contrato de locação do imóvel.

Assim, a estadia de duas semanas foi de muita paz e pouca voz, diferente dos dias que precederam o incêndio, quando havia entre André e Clara muitas vozes e muitos silêncios, mas pouquíssima paz.

— Não fecha, André. É simples. A conta não fecha.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em maio de 2023.
